

O EBOOK COMO MÍDIA DO CONHECIMENTO

Márcio Batista de Miranda – Faculdades Borges de Mendonça – Grupo SIGMO¹
Richard Perassi Luiz de Sousa – EGC/UFSC – Grupo SIGMO²

RESUMO

As mudanças no contexto do desenvolvimento social, econômico e cultural trouxeram a Sociedade do Conhecimento. Nesta sociedade, a produção, armazenagem e distribuição de produtos culturais, que promovem a disseminação e o amplo acesso a todos os tipos de conhecimento têm levado à alteração da percepção humana. O ebook ou livro eletrônico passou a ser considerado uma evolução do livro impresso, ocupando um amplo espaço na produção e distribuição de obras literárias. Mas, o ebook pode ser considerado uma mídia do conhecimento? O desenvolvimento do ebook tem impulsionado todo um segmento da indústria digital e eletrônica, possibilitando o desenvolvimento de uma cultura de leitura digital, o que impulsiona estudos e possibilita sua condição como mídia do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Ebook. Mídia do Conhecimento. Sociedade do Conhecimento. Comunicação.*

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a consolidação da Sociedade do Conhecimento, o conhecimento tem sido reconhecido como um novo e importante recurso produtivo. Neste sentido, as mídias que possibilitam a sua transmissão requerem atenção e avaliação constante, de maneira a proporcionar aos usuários acesso, interação e evolução.

Neste contexto, o *ebook* apresenta-se como mídia pioneira, visto que sua criação ocorre já no início da popularização da *Internet*. Com a evolução da *Internet* muitos recursos foram sendo agregados ao *ebook*, no intuito de torná-lo tão atrativo quanto o livro ou qualificável como obra de leitura. Mas, é possível reconhecer o *ebook* como mídia do conhecimento?

Para responder a esta questão, busca-se identificar os elementos que possibilitam

¹ Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento / UFSC – Professor das Faculdades Borges de Mendonça e Decisão, palestrante, membro do Grupo SIGMO/UFSC. E-mail: marciobmiranda@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e professor do Departamento de Expressão Gráfica – EGR/CCE/UFSC, atua na área de Design, cursos de graduação e pós graduação em Design – EGR/CCE, e no Programa de Pós Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Coordenador do Grupo SIGMO/UFSC – EGC/UFSC. E-mail: richardperassi@uol.com.br

o reconhecimento do *ebook* e que o caracterizam como mecanismo de comunicação eficiente na Sociedade do Conhecimento. São objetos de estudos aprofundados do campo da Mídia do Conhecimento. A prévia exploratória destes estudos é aqui apresentada como forma de contextualizar o *ebook* como mídia do conhecimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para melhor compreensão das análises a serem realizadas se faz necessário algumas considerações iniciais sobre as mídias do conhecimento e a contextualização dos *ebooks* na Sociedade do Conhecimento.

2.1 AS MÍDIAS DO CONHECIMENTO

O contexto do desenvolvimento social, econômico e cultural caracteriza-se pela predominância dos sistemas informacionais no suporte ao desenvolvimento do conhecimento. A Sociedade do Conhecimento como é chamada a sociedade no contexto atual tem o conhecimento, seus processos de geração, gestão e comunicação como objeto de estudo. Pode-se entender por conhecimento a “informação que muda algo ou alguém, seja por tornar-se fundamento para a ação, ou por fazer um indivíduo ou uma organização capaz de ser diferente ou mais eficaz” (DRUCKER, 1991 apud PERASSI, 2010, p. 60). As atividades intensivas de conhecimento têm gerado mais valor do que todas as atividades produtivas antes utilizadas. A virtualização das atividades produtivas produziu significativas mudanças na forma como o homem produz e percebe conhecimento, tendo sua capacidade de confrontar ideias expandida de forma exponencial (MELLO JÚNIOR, 2006).

Esta reflexão evidencia o fato de que desenvolvimento de artefatos, que propiciem a produção, o armazenamento e a transmissão do conhecimento torna-se cada vez mais imprescindível, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural e social. A *Internet* como recurso pode ser vista também como um componente tanto como processo quanto resultado do mesmo. “O fenômeno da recepção também passa por grande transformação, à medida que os mais diversos conteúdos são digitalizados ou publicados diretamente na rede” (MELLO JÚNIOR, 2006, p. 314).

Verifica-se que o homem vem, ao longo das eras, interagindo com os artefatos por ele criados e, a partir disso, gera novos conhecimentos que o levam a uma nova etapa de sua história e evolução. McLuhan (1987 apud. FERRÉS, 1996, p. 10) diz que “as sociedades têm sido sempre mais modeladas pelo tipo de meios com os quais os seus cidadãos se comunicam que pelo conteúdo da comunicação. Os meios modificam o ambiente e, a partir desse momento, suscitam novas percepções sensoriais”. Cada artefato ou elemento de

artesanato contém, portanto, conhecimento acumulado acerca de um processo, experiência ou possibilidade. Pode-se, então, assumir que tudo o que existe é passível de tradução informacional e, portanto, contém alguma forma de conhecimento.

De todos os elementos que contém e transmitem conhecimento, um tem especial significação na formação do homem, a escrita. A escrita é um método de comunicação criado pelo homem após a aquisição da linguagem e foi determinante para a evolução do planeta, marcando o fim da pré-história. Flusser (2010) afirma que etimologicamente a palavra “escrever” vem do latim “scribere” que significa riscar, numa alusão ao fato de que no princípio o ato de escrever era “fazer uma incisão sobre um objeto para o qual se usava uma ferramenta cuneiforme [um “estilo”]”. A função fundamental da escrita no desenvolvimento do homem e de sua cultura é explicitada em situações de comunicação onde os receptores decodificam mensagens compostas por pessoas de outras culturas, tempos ou espaços mentais (LEVY, 2001, p.146).

Cabe especificar que o termo mídia provém “da expressão inglesa “media”. A origem de “media” é latina, uma palavra indicativa do plural do termo “medium”, que significa “meio” em português” (PERASSI, 2011, p. 4). Seu uso no Brasil foi incorporado à cultura e se popularizou a partir da utilização e da hegemonia da “mídia de massa” nos meios mercadológicos. Como elemento essencial dessa abordagem ressalta-se, ainda, que o campo da mídia “desenvolve sua aptidão para a captura, o armazenamento, a seleção, a sistematização, a produção, o resgate e a distribuição do conhecimento, de acordo com necessidades específicas das corporações ou organizações sociais, sejam essas, instituições ou empresas” (PERASSI, 2010, p. 47). Ao considerar o exposto, pode-se perceber que uma mídia do conhecimento deve possibilitar não apenas a transmissão de um dado conhecimento de forma clara e segura, como também a interação com outros agentes e, portanto, a sua própria evolução como mídia.

Neste sentido McLuhan (1976, p. 80) estabelece que não apenas a escrita como também os suportes e formatos de escrita manifestam e exprimem a essência do próprio homem, “[...] todos os meios como extensões de nós mesmos servem para fornecer uma consciência e uma visão transformadoras”. Assim, tão importantes quanto o desenvolvimento dos códigos e sistemas de escrita, foram os suportes adotados para cada sistema e em cada momento. Dentre as mídias utilizadas para a transmissão do conhecimento está o livro, cuja evolução passa pela utilização de materiais de suportes como pedra, argila, ossos, madeira, papiro e pergaminho até chegar ao formato códex impresso, idealizado por Gutenberg. O “onde escrever” tornou-se um indicador histórico de cada transformação na civilização, bem como um indicador do momento de evolução do seu conhecimento.

A partir de exposto é possível perceber que o formato e o suporte foram decisivos para a evolução não apenas do alfabeto, mas também do conhecimento. A palavra impressa, por exemplo, no formato livro transformou o diálogo. Num espectro mais amplo McLuhan

(1977) analisa:

Se se introduz uma tecnologia numa cultura, venha ela de fora, ou de dentro, isto é, seja ela adotada, ou inventada pela própria cultura, e essa tecnologia der novo acento ou ascendência a um ou outro de nossos sentidos, altera-se a relação mútua entre todos eles (MCLUHAN, 1977, p. 48).

Nesta linha de raciocínio, verifica-se que no final da década de 1970, o conhecimento do homem permitiu que uma profusão de elementos midiáticos traduzisse o conhecimento contido nos livros. Surgem as tecnologias da informação e da comunicação, popularizando a informação no suporte digital e, a partir deste, diversos outros formatos que viriam mais tarde a ser equiparados ao livro e complementá-lo. Estes formatos ou suportes se constituem na manifestação da interação do homem com as mídias do conhecimento anteriormente existentes, principal e originalmente o livro impresso. Com o advento da *Internet*, algumas organizações começaram a digitalizar livros e disponibilizar suas versões eletrônicas, surgiu aí o *ebook* ou livro eletrônico.

2.2 EBOOK – CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E FUNCIONALIDADES

A utilização do texto eletrônico foi um marco da explicitação da cultura digital e sua utilização, enquanto suporte alternativo para o livro impresso trouxe discussões sobre o fim do mesmo, sobre sua aceitação e também sobre sua definição.

Surgido na década de 1970, o *ebook* como publicação foi uma das primeiras manifestações da cultura livreira na *Internet* e sua origem coincide com o surgimento do Projeto Gutenberg. De acordo com Lebert (2005), em 1971, Michael Hart, um estudante da Universidade de Illinois após receber um crédito de 100 milhões de horas livres para utilização da *Internet*, concebeu o primeiro *ebook* ao digitalizar a Declaração de Independência dos Estados Unidos e disponibilizá-la aos cem usuários da *Internet*, naquele período ainda embrionária. A autora destaca que o arquivo, na época chamado de *e-text*, foi baixado por seis pessoas, dando origem ao Projeto Gutenberg. Lebert (2008) afirma que o crescimento da biblioteca do projeto se dá a uma taxa de 340 livros por mês, contando com aproximadamente 25 mil livros em abril de 2008. A profusão de arquivos digitais relativos à livros oportunizou estudos acerca do *ebook*.

O termo *ebook* é simplesmente a abreviatura de *electronic book* (livro eletrônico). Em sua pesquisa Mello Junior (2006) afirma que o *ebook* é definido pela *Association of American Publishers* como sendo “uma Obra Literária sob a forma de objeto digital, consistindo em um ou mais *standards* de identificação, metadata, e um corpo de conteúdo monográfico, destinado a ser publicado ou acessado eletronicamente” (FURTADO, 2006, p. 52 apud MELLO JUNIOR, 2006, p. 322). Esta definição, segundo o autor, torna evidente a preocupação com a proteção do conteúdo. Talvez esta situação seja resultado do fato de

que a utilização do *ebook* se deu inicialmente para designar os livros impressos digitalizados. Mais tarde verificou-se que podem ser criados *ebooks* sem um correspondente impresso, ou seja, a obra pode ser totalmente produzida em meio digital. Poderiam também conter recursos hipertextuais ou multimidiáticos, o que o transformaria num complexo digital multimídia (MELLO JUNIOR, 2006).

Esta possibilidade transcende o conceito de livro e explicita as diferenças entre os dois formatos, *ebook* e livro impresso, ao mesmo tempo “parece haver uma necessidade de, ao referir-se ao texto digital compará-lo ao livro, valendo-se deste como metáfora para esta nova configuração. Ocorre que, em muitos aspectos, o que se convencionou chamar de *ebook* difere enormemente do livro impresso” (MELLO JUNIOR, 2006, p.322). Mello Júnior estabelece que a própria interface é um diferencial, já que o *ebook* é caracterizado por um conjunto de dados expressos numericamente em código binário, que necessita tanto de uma interface gráfica, um *software*, quanto de um *hardware* e de uma fonte de energia para que possa ser acessado pelo leitor. Por este fato, o autor apresenta o fenômeno do *ebook* em suas partes, sendo o “*hardware*” o conjunto de mecanismos que permitem a visualização e manipulação dos conteúdos eletrônicos. O “*software*” composto pelos formatos *Markup*, que permitem a elaboração do conteúdo e *Layout*, que permite a visualização, a leitura e a proteção do arquivo no *hardware*. E, ainda, o “conteúdo”, formado pelo conjunto de textos utilizados, sejam eles originários de livros impressos ou diretamente criados em meio digital, acrescidos ou não de recursos hipertextuais ou multimidiáticos. Fica evidenciado que o *ebook* em muito difere do livro impresso, mas que nesta transição, em termos de mídia, o que muda é o suporte e “ao invés do conteúdo da obra ser recepcionado pelo leitor nas páginas de papel ele o será em telas” (MELLO JUNIOR, 2006, p.17).

As necessidades metafóricas de similaridade ao suporte impresso chamaram a atenção da indústria eletrônica, que desenvolveu *hardwares* específicos para a leitura de *ebooks*. Surgiram então os leitores para os livros em suporte digital, os *ebook readers*, que ficaram conhecidos como *ebooks*. Estes equipamentos simulam o folhear dos livros e possibilitam acesso aos recursos hipermidiáticos disponíveis nos arquivos, mas constituem-se em mini e-bibliotecas, já que comportam vários arquivos digitais (BRYAN *et al.*, 2003). Há indícios de que a controvérsia sobre o que era ou não um *ebook* ficou estabelecida sobre a consideração de que o arquivo digital não poderia ser acessado sem um leitor, ao mesmo tempo em que um leitor para o livro digital pode ser lido em computadores, *desktops*, *laptops*, *smartphones*, *i-pads*, *i-pods* e, claro, *ebook readers*.

Embora se compreenda que o *ebook* deveria corresponder ao arquivo digital juntamente com o leitor para este arquivo, convencionou-se tratar tanto o livro digital quanto o seu leitor por *ebook*. Neste trabalho, assim como foi originalmente concebido, o termo *ebook* ou livro eletrônico será utilizado para designar a arquivo digital referente ao livro, seja ele produzido em versão totalmente digital ou anteriormente impressa, como preconiza Gama Ramirez (2006):

VI SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLOS MÍDIAS

Florianópolis, 19 e 20 de agosto de 2013

O livro eletrônico se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias (multimídia: textos, sons e imagens) armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação (GAMA RAMÍREZ, 2006, p. 12 apud. VELASCO e ODDONE, 2007, p. 3).

A definição do *ebook* não se assemelha a definição do livro anteriormente apresentada, mas na trajetória do livro como suporte da escrita e, principalmente, do conhecimento, o *ebook* apresenta-se também como uma variação do suporte do livro impresso, que hoje utiliza também suportes variados como, o áudio, o braile e o digital e não necessariamente como seu substituto. O Artigo 2º da Lei Nacional do Livro equipara vários formatos de arquivo ao livro, dentre eles os livros em meio digital (BRASIL, 2003, p. 2).

O *ebook* não se apresenta necessariamente como um concorrente do livro. Apesar de ser equiparado ao livro impresso, o livro eletrônico surge como uma possibilidade de maior aproximação da cultura livresca com a sociedade do conhecimento, onde as necessidades de acesso rápido à informação e de interação com o conteúdo se fazem cada vez mais prementes. Prova disto é que, após o surgimento do Projeto Gutenberg e com a consolidação da *Internet*, outros bancos de dados, organizações editoriais e bibliotecas digitais passaram a disponibilizar livros em formato digital numa ampla variação, como aponta Schell:

Today, ebooks are sold in a wide variety of formats, genres, interfaces, and pricing models, the ebooks now available include popular reading, scholarly monographs, monographic series, reference works, downloadable audiobooks, collections based upon scholarly bibliographies such as EEBO (Early English Books Online), and free classic texts that are out of copyright such as those in Project Gutenberg (SCHELL apud POLANKA, 2011, p. 76)³.

Embora a variação de formato, gêneros e interfaces possa chegar à casa dos milhões, o número de sites, bibliotecas, editoras e livrarias digitais que disponibilizem os *ebooks* também não pára de crescer. Organizações como *Google Books*, *Scribd* e *Amazon Books* destacam-se neste contexto. Os livros em meio digital ou eletrônico passam a ocupar cada vez mais espaço tanto na cultura digital quanto na cultura livresca, denotando a importância do conhecimento de suas características e benefícios como mídia no contexto digital.

Considerando que as propriedades de um objeto determinam suas possibilidades (BRYAN *at al.*, 2003), pondera-se que, mesmo antes de ser aberto, o *ebook* possui algumas características que o distinguem dos produtos físicos. Bryan, Gibbons e Peters (2003)

³ Hoje, ebooks são vendidos em uma ampla variedade de formatos, gêneros, interfaces e modelos de precificação, os ebooks disponíveis agora incluem a leitura popular, monografias acadêmicas, série monográfica, obras de referência, livros de áudio para download, coleções baseadas em bibliografias acadêmicas, tais como EEBO (Early English Books Online), e textos clássicos livres que estão fora de copyright, como os no Projeto Gutenberg.

tomaram como base os atributos de identificação do *ebook* para desenvolver um conjunto de funcionalidades amplas que este deve ter contemplado em sua elaboração. A partir de uma análise deste estudo, verifica-se as funcionalidades que um *ebook* deve conter na visão destes autores: (1) interação humana no nível físico; (2) leitura e compreensão do texto; (3) texto digital mais rico do que o livro impresso; (4) texto colocado em contextos variados; (5) possibilidade de possuir, modificar e ampliar o texto; (6) integração ao ambiente da biblioteca; (7) capacidades legais e contratuais.

Acredita-se na importância da observação da utilização do *ebook* no meio científico e acadêmico, uma vez que a partir desta prática poder-se-á estruturar o desenho de um livro eletrônico que atenda às necessidades particulares de seus usuários e seja reconhecido como objeto de aprendizagem crível e de qualidade.

2.3 A PERCEPÇÃO E A COMUNICAÇÃO DO EBOOK NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Ao longo dos últimos vinte anos foram realizados estudos nas áreas de gestão do conhecimento, sistemas da informação, engenharia da computação, linguística, semiótica e *design* com a finalidade de estabelecer modelos para a melhor gestão dos recursos digitais e da interação do homem com estes recursos. Dentre estes recursos está o *ebook*, que tem auferido significativa importância na Sociedade do Conhecimento.

Verifica-se na literatura internacional, sobretudo americana, onde autores como Polanka (2011), Pastore (2010) e outros despontam com trabalhos inovadores, que as questões de usabilidade e possibilidades do livro eletrônico tem sido bastante exploradas. Destacam-se, também, trabalhos na área do *design* de *ebooks* e gerenciamento deste recurso. Neste ínterim, autores renomados, como Eco defendem a diferenciação clara e a permanência do livro tradicional frente ao *ebook*.

Embora o livro eletrônico ou digital não seja um tema novo, a atualidade deste estudo tem se dado em função das possibilidades que representa, não apenas para os autores e editores, enquanto produtores de conhecimento, mas, sobretudo, aos leitores a partir da oportunidade de democratização deste conhecimento. A pesquisa de Mello Júnior (2006) é uma referência na abordagem do tema no Brasil e expõe a metamorfose do livro impresso ao livro digital e as dificuldades de desenvolvimento desta mídia, em função da indústria editorial. Velasco e Odoni (2007), por sua vez, buscam estabelecer formas de mensurar a utilização deste recurso no meio científico. Paulino (2009) também aborda a questão dos livros eletrônicos e seus impactos na cultura livresca tradicional.

Todavia, apesar da importância e atualidade da matéria, verifica-se que ainda são poucos os estudiosos brasileiros que se debruçaram sobre a questão dos *ebooks*. Pode-se observar, também, que o tema é no mais das vezes, muito brevemente tratado em sites,

blogs e bancos de teses e estudos científicos públicos e privados. O uso do *ebook* como objeto de aprendizagem, contudo, pode evidenciar a necessidade de perceber as mudanças perpetradas pelas mídias digitais no comportamento humano. Este fato se justifica em função da ampla conectividade e da interação que possibilitam ao homem a customização do seu aprendizado de forma autônoma. A interação do homem com os textos digitais tem alterado significativamente a percepção, a maneira de ler e até os sistemas cognitivos do homem [LÉVY, 2001]. Ao mesmo tempo tem possibilitado que os leitores, produzam a partir de suas perspectivas, novos conhecimentos.

De outra forma, os *ebooks* apresentam-se como versões eletrônicas do livro impresso. Guardadas as proporções históricas, cognitivas e midiáticas, avalia-se que seu conteúdo precisa ser validado, tanto quanto o de um livro impresso. No caso dos livros impressos, muitas vezes aspectos externos são considerados como elementos avalizadores da qualidade da obra, tais como autor, editora, etc. No caso do *ebook*, por se tratar de um arquivo eletrônico, estes elementos não ficam evidentes à primeira vista. Ao mesmo tempo, uma ampla gama de arquivos de livros digitais tem sido criada, oportunizando condições à indústria editorial eletrônica para desenvolver novas tecnologias, tanto para a produção, quanto para a distribuição, armazenamento e leitura destes arquivos.

3 MÉTODO

O método ou metodologia de pesquisa refere-se à forma como o pesquisador pode buscar as informações que necessita e desenvolver os estudos em busca do conhecimento objetivado na pesquisa. O método representa, então, o conjunto de orientações gerais para a investigação que estabelece os padrões para coleta e análise de dados [CRESWELL, 2007].

Para este estudo foi considerado o método de estudo de caso como a forma ideal de aprofundamento investigativo e obtenção de informações. Esta metodologia ainda possibilita a triangulação dos dados, onde o pesquisador pode explorar diferentes perspectivas e propor novos testes e hipóteses [DENZIN, 1984]. O método de estudo de caso pode ainda ser aplicado a um grupo de casos, o estudo de caso coletivo [STAKE, 1995], possibilitando uma abordagem comparativa na triangulação.

O método utilizado foi exploratório, descritivo e interpretativo. Buscou-se contextualizar o *ebook* às práticas da Sociedade do Conhecimento, situando-o como mídia do conhecimento. A coleta de dados será realizada mediante revisão bibliográfica dos temas e de observação direta aos *ebooks*, para identificação do processo de comunicação e reconhecimento do objeto.

4 VISÃO DO EBOOK COMO MÍDIA DO CONHECIMENTO

A cultura digital fez surgir não apenas organizações virtuais, mas novos papéis profissionais e novos recursos produtivos. Se por um lado, esta cultura preconiza a facilidade de acesso ao conhecimento àqueles inseridos na cultura digital, por outro torna mais profundo o abismo que separa os ricos dos pobres, criando uma horda de excluídos digitais. Neste espaço surge a pirataria dos bens culturais e a divulgação abrangente de informações falsas ou de pouco valor. Castells (1999, p. 113) afirma que, “a comunicação de conhecimento em uma rede global de interação é, ao mesmo tempo, a condição para acompanhar rápido progresso dos conhecimentos e o obstáculo para o controle de sua propriedade”. Apesar de facilitar o acesso ao conhecimento, a *Internet* dificulta a legitimação e a escolha consciente de informações confiáveis. Isso se deve, em grande parte, ao fluxo de dados de origem indiscriminada e de qualidade duvidosa que, constantemente e indistintamente, estão disponíveis na rede.

Como agravante deste contexto, destaca-se a questão do valor da informação, em função dos volumes e custos de produção e o crescente papel dos produtos digitais na economia, tendo a informação, como elemento principal na produção destes produtos. Choi, Stahl & Whinston (1997, p. 88) definem que, “*digital products include all goods that are already in digital format or that can be digitized*”⁴. Os autores ainda apontam a que algumas características intrínsecas dos produtos, tais como indestrutibilidade, reproduzibilidade e a transmutabilidade; podem determinar o comportamento dos produtos digitais. A indestrutibilidade está diretamente relacionada às questões da perda de qualidade, do uso pessoal, e do modo de distribuição ou comercialização. A transmutabilidade está relacionada às questões de modificação ou customização instantânea e pode ser considerada como fundamental para a compreensão do desenvolvimento de produtos, customização e estratégias de diferenciação. A reproduzibilidade, por sua vez, está relacionada às questões mercadológicas de produção, reprodução, armazenagem e distribuição na *Internet* (CHOI, STAHL & WHINSTON, 1997). O ambiente digital proporciona o surgimento de produtos que dotados destas características, favorecem tanto empresas, quanto consumidores.

Analisando os produtos digitais, como conhecimento e/ou mídias do conhecimento, ressalta-se que estes produtos possuem como matéria prima o próprio conhecimento ou informação aplicada e seu uso gera um volume ainda maior de informações, impactando diretamente no seu valor. Considera-se, ainda, que a velocidade da difusão na *Internet* tem crescido numa proporção exponencial. Esse fato decorre do desenvolvimento e da consolidação das infovias, que aliada às constantes inovações tecnológicas, promoveu a redução dos custos de produção e distribuição, sobretudo e principalmente, dos produtos digitais. Além disso, a oferta em escala global provocou a comoditização dos produtos e

⁴ Produtos digitais abrangem todos os bens que já estão em formato digital ou que podem ser digitalizados.

informações, aumentando o grau de exigência dos consumidores e acelerando o processo de obsolescência, especialmente dos produtos de origem eletrônica, digital ou informacional.

A possibilidade de agilidade na publicação de pesquisas completas e a disponibilização de dados de forma completa e atualizada tem levado diversos pesquisadores e instituições a adotarem este formato de publicação. Os equipamentos digitais, como computadores ou similares, permitem aos seus usuários a composição e a editoração de livros digitais ou *ebooks* para serem dispostos e distribuídos na *Internet*. Isso propiciou a disposição e distribuição de livros eletrônicos na *Internet*.

Os *ebooks* estão disponíveis e circulam pela *Internet*, advindos de diferentes origens e representando gêneros diversos. O desenvolvimento do *ebook* tem impulsionado todo um segmento da indústria digital e eletrônica. A criação de um ambiente que possibilite o desenvolvimento de uma cultura de leitura digital traz a possibilidade de comercialização com preços baixos ou com distribuição gratuita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução das tecnologias da informação e da comunicação trouxe mudanças significativas nos modelos de informação e produção de conhecimento humanos. As formas de viver, pensar e aprender foram significativamente afetadas pela ampla gama de recursos midiáticos acessíveis à percepção do homem. As facilidades proporcionadas pela tecnocultura trazem os desafios da valoração da informação aplicada ou conhecimento, tanto em termos financeiros quanto de legitimidade ou qualidade.

Neste sentido pode-se reconhecer o *ebook*, a partir de suas características e funcionalidades, como uma mídia adequada aos padrões da Sociedade do Conhecimento. Por outro lado, considera-se que esta mídia carece ainda de estudos, visto que, como suporte para a transmissão do conhecimento, ainda não possui um modelo ou processo de valoração específico.

Finalizando este trabalho, aponta-se a importância da realização de estudos que possam possibilitar a prospecção e o aproveitamento de oportunidades do *ebook*, sobretudo no âmbito científico-acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Política nacional do livro: lei nº 10.753. Brasília: Presidência da República, 2003. *In* <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/11/lei-10753-de-2003.pdf>.
- BRYAN, R.; GIBBONS, S.; PETERS, T.. *Draft 1.0: ebook functionality white paper. Ebook Functionality Working Group. Working Group of the American Library Association, Ebook Task Force.* 21 Jan 03. *In* <http://www.lib.rochester.edu/main/ebooks/ebookwg/white.pdf>, acesso em 11/10/2009.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- CHOI, S. Y; STAHL, D. O; WHINSTON, A. B. *The economics of electronic commerce. Indianapolis: Macmillan Technical Publishing*, 1997.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DENZIN, N. *The research act*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.
- FERRÉS, J.. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FLUSSER, V.. **A escrita – há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- LEBERT, M.. *Project Gutenberg, 1971-2005. NEF (des études françaises Net) -Dossiers du NEF. Toronto: York University, October, 2005.* *In* http://www.etudes-francaises.net/dossiers/gutenberg_eng.htm, acesso em 02/03/2011.
- LEBERT, M.. *Project Gutenberg, 1971-2008. NEF, University of Toronto & Project Gutenberg, May, 2008.* *In* <http://www.gutenberg.org/cache/epub/27045/pg27045.html>, acesso em 02/03/2011.
- LÉVY, P.. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- MCLUHAN, M.. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- MCLUHAN, M.. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MELLO JR, J.. **Do codex ao ebook: metamorfoses do livro na era da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2006.
- PASTORE, M.. *50 benefits of ebooks*. Ithaca, New York: Zorba Press, 2010.
- PAULINO, S.. **Livro tradicional x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura**

definitiva? Hipertextus Revista Digital, n. 3, Jun. 2009. *In* www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf, acesso em 11/10/2009.

PERASSI, R. L. S. **Conhecimento, mídia e semiótica na área de mídia do conhecimento.** EGC/UFSC. Florianópolis, SC: EGC/UFSC. 2010.

PERASSI, R. L. S. **Semiótica, estética e conhecimento.** EGC/UFSC. Florianópolis, SC: EGC/UFSC. 2011.

POLANKA, S.. *No shelf required: ebooks in libraries.* Chicago: American Library Association, 2011.

STAKE, R.. *The art of case research.* Newbury Park, CA: Sage Publications, 1995.

VELASCO, J.; ODDONE, N.. **O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica.** Anais do VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – UFBA, out/2007. *In* <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf>, acesso em 11/10/2009.